

AO DOMINGO

Os incêndios têm culpados óbvios?



Clara Almeida Santos
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

“Lembrei-me do título de um livro do padre Vasco Pinto de Magalhães a propósito desta pergunta de hoje. Diz ele que “Não há soluções, há caminhos”. As causas para o país estar a arder e a cheirar a cinzas, tragédia e tristeza são seguramente variadas e não estou nem sou minimamente habilitada para as discutir. Mas há algo que me parece claro: mais do que encontrar culpados – que serão muitos – ou cair na tentação de achar que há soluções imediatas – que mais não serão do que atrair areia para os olhos esbugalhados de tanto olhar incrédulos para o que se está a passar, é preciso preparar o caminho para os fogos que aí vêm. Porque eles voltam. Isso é seguro, ao contrário do que acontece com a prevenção continuada ou a atenção às recomendações dos inúmeros estudos sobre o assunto.”



Fernando Gomes
Economista

“Não creio. Apesar de o presidente da Liga dos Bombeiros entender que ‘uma onda terrorista devidamente organizada’ é a responsável pela assustadora vaga de incêndios e de a ministra da Administração Interna declarar ontem que a maioria dos fogos são de origem criminosa (o que só responsabiliza mais o Governo), parece-me claro que são múltiplas as causas que os provocam. Dá jeito arranjar rapidamente culpados. Em 2015 e 2016, foram detidos pela PJ cerca de 80 incendiários. Sendo um número preocupante, não chega para justificar tanto fogo. O diagnóstico está feito, define missões e responsabilidades e aponta para a incontornável cooperação entre várias entidades e pessoas, com enfoque na política florestal e na prevenção. Estamos longe de o seguir. Mas nem tudo é culpa nossa. Há um fator que ninguém controla – as condições climáticas, este ano deveras adversas. Países bem mais desenvolvidos como o Canadá, os Estados Unidos ou a Austrália sabem bem o que tal significa.”



Sebastião Foyo de Azevedo
Reitor
da Universidade
do Porto

“Não têm. Estas catástrofes sociais e económicas ocorrem em todo o Mundo desenvolvido, tendo na sua génese naturezas diversas – fenómenos naturais, a mão humana ditada por interesses económicos, ações de loucos ou acidentes de verão. O problema reside em que a intensidade e consequências dos fenómenos estão associadas aos diferentes níveis de organização e desenvolvimento dos povos. Entre nós, não é certamente por falta de estudos e de planos estratégicos para ordenamento e prevenção que não minimizamos os estragos. Temos de investir e atuar muito na organização, mas precisamos igualmente de promover a responsabilidade social das populações. Sejamos justos, a falta de ação pública, que tantas vezes se aponta, decorre muito da falta de aceitação ativa por parte das comunidades e dos proprietários de medidas preventivas que exigem apoio e alguma despesa. No sistema público é sempre muito difícil ‘ter razão antes do tempo...’. Depois deste verão, existem condições políticas para atuação.”